

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Departamento de Ciências Sociais

Curso de Ciências Sociais

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E COMPROMISSO SOCIAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA:
AVALIAÇÕES E PROPOSIÇÕES REFLEXIVAS**

Bruna Soares de Souza

Matrícula Nº 64436

Orientador: Prof.º Marcelo Ottoni Durante

VIÇOSA - MG
JULHO - 2014.

BRUNA SOARES DE SOUZA

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E COMPROMISSO SOCIAL DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA: AVALIAÇÕES E PROPOSIÇÕES REFLEXIVAS

Monografia apresentada ao
Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Viçosa como parte
das exigências para obtenção do título de
Bacharela em Ciências Sociais.

APROVADA: 04 de julho de 2014.

Fabício Roberto Costa Oliveira

France Maria Gontijo Coelho

Marcelo Ottoni Durante
(Orientador)

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade da autora.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com muita satisfação e carinho, à professora Vera Lúcia Travençolo Muniz, primeira coordenadora do Curso de Ciências Sociais da UFV, que com seu apoio, seu exemplo e incentivo, e com sua amizade, integridade, humildade e dedicação, se tornou uma pessoa fundamental durante minha trajetória do Departamento e no Curso de Ciências Sociais.

AGRADECIMENTO

Agradeço a oportunidade de concluir, plenamente, minha Graduação, em primeiro lugar, à Deus, O maior condutor de minha vida, Ele quem me concedeu a disciplina, a saúde, a inteligência, o discernimento, a força e a persistência para conseguir completar esse ciclo tão importante da minha formação pessoal e profissional.

Aos meus pais, Grimaldo Conceição de Souza e Solange Soares da Silva, que além de ensinarem os valores basilares para a formação do meu caráter, sempre me incentivaram a estudar, e me instruíram a zelar e a me dedicar aos meus deveres, atribuições e afazeres.

Às minhas “irmãs de alma”, Luciana de Fátima Abranches e Tatiele Aparecida Tensol, cúmplices e companheiras de todos os bons e maus momentos de minha vida em Viçosa.

Aos meus amigos e minhas amigas, conquistados ao longo do Curso.

Aos professores e professoras do Departamento de Ciências Sociais, pelos ensinamentos e conselhos, e pelo apoio e voto de confiança, em especial, Vera, Nádia, Douglas, Jeferson e Fabrício.

À Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC-UFV), e a equipe do NAPE UFV pelo apoio para realização desta pesquisa.

Ao carinho de professores de outros departamentos, bem como de alguns pró-reitores da UFV, com os quais tive o grande prazer de conviver e/ou trabalhar em

algumas situações, destacando, France Gontijo, Joana D'Arc Hollerbach, e Sylvia Franceschini. Trata-se de exemplos de profissionais.

Ao meu orientador, professor Marcelo Ottoni Durante, sua simplicidade, amizade, paciência e dedicação foram e são fundamentais para impulsionar e inspirar a minha atuação como pesquisadora. Um grande mestre que me apoia e incentiva mesmo diante de minhas inseguranças profissionais.

À cidade de Viçosa e à sua população, fontes de inspiração e de motivação para a realização do meu trabalho enquanto pesquisadora.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE SIGLAS	vii
LISTA DE TABELAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
1. INTRODUÇÃO	1
2. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	3
2.1. Definição dos Objetivos	6
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
3.1. A Extensão Universitária no contexto brasileiro	7
3.2. A Extensão Universitária na Universidade Federal de Viçosa	10
3.3. A Ciência a serviço da sociedade	14
3.4. O conceito de Qualidade de Vida	17
3.5. Definindo a Hipótese	18
4. METODOLOGIA	20
4.1. A etapa quantitativa (survey)	22

	Página
4.2. A etapa qualitativa	23
4.2.1. <i>Os roteiros de entrevistas</i>	24
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	43

LISTA DE SIGLAS

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

D - Domínios Conceito de Qualidade de Vida da OMS

DOCS - Pacote de Aplicativos do Google

ESAV - Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão

IPES - Instituições Públicas de Ensino Superior

NAPE - Núcleo de Apoio a Projetos de Extensão

OMS - Organização Mundial da Saúde

PEC - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

WHOQOL GROUP - World Health Organization Quality of Life (Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da OMS)

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1: O tipo ideal de gestor de projetos de extensão	26
Tabela 2: <i>Survey</i> - O projeto de extensão seria elaborado a partir de quê?	28
Tabela 3: <i>Survey</i> - O projeto de extensão seria elaborado a partir de quê?	28
Tabela 4: <i>Survey</i> - O diálogo com o a comunidade	29
Tabela 5: <i>Survey</i> - De que maneira as ações do projeto foram executadas?	30
Tabela 6: <i>Survey</i> - A comunidade deve participar das etapas decisórias?	32
Tabela 7: <i>Survey</i> - Foram feitas mudanças no projeto?	32
Tabela 8: <i>Survey</i> - O projeto foi elaborado a partir do quê?	33
Tabela 9: <i>Survey</i> - O projeto atende aos interesses da comunidade?	34
Tabela 10: <i>Survey</i> - Os resultados tem melhorado a qualidade de vida da população?	34

RESUMO

SOUZA, Bruna Soares de, Bel., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2014.

Pesquisa e Extensão na Universidade Federal de Viçosa: o compromisso do conhecimento científico com a sociedade viçosense. Orientador: Marcelo Ottoni Durante.

O presente texto apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou, principalmente, refletir sobre a concepção e gestão das ações de extensão executadas, sobretudo, pelos professores da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Para tanto foi preciso avaliar a conduta dos pesquisadores e estudantes da UFRV, essa empregada durante a elaboração e execução das ações de extensão; e também a conduta da comunidade, atingida por estas ações. Esse levantamento ocorreu por meio da aplicação de questionário fechado (*survey*) e da realização de entrevistas qualitativas. Referenciado nas principais reflexões teóricas sobre a temática da Extensão Universitária Brasileira, e a partir da criação de um tipo ideal de gestor, o estudo buscou identificar em que medida os resultados obtidos pela pesquisa - desenvolvida na Universidade - nos fornecem a imagem de um gestor de projeto de extensão que realmente dialogue com a população. Como resultados, basicamente, a pesquisa revela que, apesar de a UFV reconhecer, em sua política de extensão, a devida importância as atividades de extensão, ainda seria preciso superar, em certo sentido, a cultura

organizacional da instituição que acaba possibilitando um comportamento difusionista e tecnocrático, por parte dos gestores, durante o processo de gestão e execução das ações extensionistas, o se que configura em um risco no que diz respeito ao envolvimento da sociedade neste processo. Assim, espera-se que esse trabalho possa contribuir para que a Universidade Federal de Viçosa adote, constantemente, práticas administrativas que culminem no contínuo aperfeiçoamento e efetividade das ações previstas pela Extensão em âmbito local.

Palavras-Chaves: Pesquisa, Extensão Universitária, Conhecimento Científico.

ABSTRACT

SOUZA, Bruna Soares, Bel., Federal University of Viçosa, July 2014.

Research and Extension at the Federal University of Viçosa: the commitment of scientific knowledge with the Viçosa society. Advisor: Marcelo During Ottoni.

This paper presents the results of a research aimed mainly reflect on the design and management of extension actions mainly implemented by teachers of Federal University of Viçosa (UFV). Therefore, we need to assess the conduct of researchers and students of UFV, this used during the preparation and execution of extension actions; and also the conduct of the community affected by these actions. This survey was performed by application of closed questionnaire (survey) and conducting qualitative interviews. Referenced in the main theoretical reflections on the theme of Brazilian University Extension, and from the creation of an ideal type of manager, the study sought to identify to what extent the results obtained from the survey - developed at the University - provide us with the image of a project manager extension that actually dialogue with the population. As a result, basically, the survey reveals that despite the UFV recognize, in its policy of extending the due importance extension activities, would still have to overcome, in a sense, the organizational culture of the institution that has just possible a diffusionist behavior and technocratic, by managers during the process of management and execution of extension actions, that sets up a risk with regard to the involvement of society in this process. Thus, it is expected that this

work will contribute to the Federal University of Viçosa, constantly, adopt administrative practices that culminate in continuous improvement and effectiveness of the actions envisaged by extension locally.

Key Words: Research, University Extension, Scientific Knowledge

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa partiu do pressuposto de que na execução das ações de extensão existe, necessariamente, um vínculo entre Pesquisa e Extensão. Nessa interface, a primeira se configura em uma possibilidade fundamental para garantir que a execução das ações de extensão alcance os resultados pretendidos. Uma vez que as ações de extensão têm, na sua definição legalmente estabelecida no Plano Nacional de Extensão (1999)¹, “a necessidade de melhorar a qualidade de vida da população”, a vinculação da pesquisa com a extensão implicaria, basicamente, na necessária sistematização dos conhecimentos científicos, estes visando subsidiar as tomadas de decisão dos gestores responsáveis pela viabilização dessas ações com a informação necessária para a conquista efetiva destas melhorias. A partir disso depreende-se que a Extensão carece de uma reflexão sobre seus fundamentos e práticas.

Toda esta discussão a respeito desse vínculo entre extensão e pesquisa exige a realização de uma constante avaliação dos condicionantes que interferem na forma como professores, técnicos e estudantes, elaboram seus projetos de extensão e gerenciam a execução destes projetos. Ampliando-se a visão da produção do conhecimento científico como um processo social, torna-se notável o fato de que outros fatores sejam implicados nas ações de intervenção social que pretendem realizar.

¹ A Política Nacional de Extensão é pactuada pelas Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), reunidas no FORPROEX, tendo como documento referencial o Plano Nacional de Extensão, publicado em novembro de 1999, e que pode ser acessado no seguinte link: <http://proex.ufpa.br/DIRETORIO/DOCUMENTOS/PROEX/02pnext.pdf>

Este aspecto social, em relação ao conhecimento, nos chama atenção para o fato que o professor, nos atos de produção do conhecimento, é condicionado por fatores institucionais externos a ele, sobre os quais não necessariamente possui controle, como por exemplo, o contexto burocrático de gestão das universidades. Além disso, aspectos relacionados à cultura organizacional do ambiente onde esse profissional atua, revelam caráter subjetivo voltado a interesses particulares.

Com o intuito de se buscar entender esses fatores e/ou condicionantes envolvidos às práticas de extensão universitária, avaliou-se em que medida a rotina de realização de pesquisas, em termos do conhecimento existente e das técnicas de produção de conhecimento, subsidiam efetivamente a execução das ações de extensão, no sentido de melhorar de forma concreta a qualidade de vida da população.

Cabe destacar que este Trabalho de Conclusão de Curso de graduação (TCC) se restringiu a analisar a conduta dos participantes da ação de extensão como resultante da interação no momento da execução destas ações, sem investigar o porquê desse tipo de conduta em termos dos seus aspectos culturais e histórico-sociais. Assim, por exemplo, quando são abordadas características como “passividade do público-alvo”, buscou-se, apenas verificar o entendimento dessa passividade como sendo resultado da interação entre comunidade acadêmica (professores, técnicos e estudantes) e população em função da postura tomada por esses atores durante a execução dessas ações.

2. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Atualmente existe um discurso, difundido nas Universidades do Brasil, que enfatiza uma crescente preocupação com a extensão universitária. Segundo concebera o Fórum de Pró-Reitores de Extensão, realizado em 1987:

“A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.” (grifos nossos).

A Política de Extensão da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba), de 2004², por exemplo, prevê que nas atividades de extensão, os profissionais das universidades tenham a oportunidade de traduzir para o campo operativo os conhecimentos que as universidades vêm produzindo. Nesse sentido, a aproximação da universidade com a sociedade deve ocorrer com a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, pois a tradução do conhecimento científico no campo operativo exige profissionais com competência para a produção do conhecimento científico e técnico, assim como exige habilidades para esses pesquisadores, de modo que a aplicação de tais conhecimentos, nas propostas para os problemas a serem enfrentados, possam, também, contribuir para a autonomia da sociedade.

² UNIMEP – 2004.

Disponível In: <http://www.unimep.br/viceacad/assessorias/extensao/politicaext/4mediad.html>

A partir deste ponto de vista, sublinhamos que o projeto nacional trazido pela Política Nacional de Extensão (1999) ressalta que não bastaria ao professor-gestor apenas produzir o conhecimento capaz de conquistar a efetividade das ações extensionistas. Seria importante também demonstrar – e não necessariamente impor – à sociedade, no contexto do projeto, a viçosense, que essa ciência pode lhes trazer melhorias, e, além disso, que tal conhecimento deve garantir a autonomia da mesma.

Este argumento defendido pela Política Nacional de Extensão sugere que longe de ser a exclusiva detentora do conhecimento que promove a melhoria da cidade de Viçosa, a UFV deve ser parceira da sociedade na execução das ações de extensão. A universidade, na figura dos professores, seria responsável por munir a sociedade com algum tipo de conhecimento, apto a contribuir para implementação destas melhorias; e a sociedade, com base neste conhecimento, seria responsável por tomar as decisões sobre os rumos a serem definidos, no sentido da melhora da sua qualidade de vida. Neste contexto, caberia também à UFV promover um diálogo entre os conhecimentos técnico-científicos e os da população. Uma vez “somados” estes saberes podem ajudar a comunidade a compreender melhor sobre seus problemas e necessidades, de modo que tenha condições para decidir sobre qual solução seria a mais adequada para a sua realidade social e cultural.

Dessa maneira, a Universidade Federal de Viçosa, resguardando seu compromisso social com a cidade de Viçosa,

“terá condição de superar a especificidade da função do ensino para também assumir a tarefa de socializar o que a pesquisa desenvolve, imprimindo uma atitude mais relacional com o meio, seja entendendo-o como fonte de estudos ou como destinatário das informações científicas produzidas” (FAGUNDES, José. **Universidade e Compromisso Social: extensão, limites e perspectivas**, 1986).

Seguindo este mesmo ponto de vista, Botomé (1996) defende que o papel extensionista das universidades seria realmente posto em prática e o diálogo entre a universidade e a cidade seria muito mais presente se o compromisso social da universidade envolvesse todas as atividades da instituição, ou seja, também o ensino e a pesquisa.

Sendo assim, a presente monografia configura-se em estudo relevante para a UFV, especialmente para a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC), que é o órgão responsável pelos projetos de extensão nesta Universidade, e que objetiva,

“promover integração entre a universidade e a sociedade, trocando experiências, técnicas e metodologias, visando a melhoria da comunidade e a formação de um aluno mais sensível aos problemas sociais. Acredita-se que a experiência em extensão torna o ensino e a pesquisa mais criativos, atuais e comprometidos” (cf. <http://www.ufv.br/pec/files/pag/objetivo.htm>)

Ao refletirmos sobre o fazer extensão no âmbito da UFV, conforme demonstramos acima, torna-se possível avaliar em que medida a rotina de realização de pesquisas, em termos do conhecimento existente e das técnicas de produção de conhecimento, subsidiam efetivamente a execução das ações de extensão, no sentido de melhorar de forma concreta a qualidade de vida da população.

Nesse sentido, o problema, destacado pelo presente estudo, busca identificar em que medida o conhecimento produzido pelas pesquisas realizadas na Universidade Federal de Viçosa tem sido empregado nas ações de extensão executadas, no âmbito da UFV, visando à interferência na vida social de Viçosa. Nessa perspectiva, indaga-se se a execução dos projetos de extensão tem levado os professores dessa Universidade a buscarem aprimorar a sua capacidade de produção de conhecimento científico.

Por outro lado, esta análise do fazer extensão pode nos revelar que de fato a execução destas ações é condicionada, principalmente, pelos interesses pessoais dos pesquisadores, pela rotina burocrática da UFV, pela cultura organizacional dos profissionais, dentre outros fatores, demonstrando, nesse sentido, a existência de um distanciamento entre a produção do conhecimento científico e a concepção e gestão das ações de extensão, no sentido aqui relacionado à busca da melhoria da qualidade de vida da população.

2.1. Definição dos Objetivos

O objetivo principal desse estudo, então, é avaliar a concepção e a gestão das ações de extensão executadas pelos professores da UFV. Através da pesquisa também seria possível constatar se a execução dos projetos de extensão tem levado os pesquisadores da UFV a buscarem aprimorar a sua capacidade de produção de conhecimento científico. Como objetivos específicos, espera-se que seja possível:

- Caracterizar o tipo de conhecimento científico e técnico que está subsidiando os projetos de extensão.
- Descrever os limites para consecução dos objetivos dos projetos de extensão.
- Apontar as potencialidades realizadas, ou ainda não conquistadas, pelos projetos de extensão.

3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo realiza, resumidamente, uma síntese sobre as reflexões teóricas fundamentais relativas à temática da Extensão Universitária. Com isso, espera-se que seja possível promover um breve entendimento a respeito da trajetória percorrida pelas Universidades Públicas Brasileiras, a partir do momento em que as diretrizes para a Extensão foram concebidas, entendendo-as dentro do contexto histórico nacional. Além disso, busca-se fornecer o entendimento sobre o contexto histórico viçosense, bem como sobre a maneira que a UFV implementou esse conceito em sua realidade acadêmica. Finalmente, torna-se necessária a reflexão sobre o compromisso da comunidade científica em relação à Extensão.

3.1. A Extensão Universitária no contexto brasileiro

Após a ditadura militar e início do período de redemocratização do Brasil, muda-se um pouco as propostas esperadas para Universidade Brasileira. A “nova proposta” defenderia a necessidade de o país abandonar, gradualmente, o projeto educacional que tinha como um dos seus principais objetivos a formação, exclusivamente, de uma mão de obra voltada aos interesses do mercado, ou nas palavras de Sonia Draibe (1994), que buscava formar os “recursos humanos [...] requeridos pelo desenvolvimento econômico”. (DRAIBE, 1994).

No caso brasileiro, a Extensão Universitária teria sua origem a partir da influência norte-americana, especialmente. Segundo MELO NETO (1996),

“foi a partir das experiências americanas, sobretudo naquelas localizadas na zona rural, que surgiram duas novas visões diferenciadas daquelas existentes na Europa: uma visão denominada *cooperativa ou rural* e outra *universitária em geral*. Essas visões, contudo, estavam “marcadas” por um certo desejo de “ilustrar” as comunidades. A *extensão* nas universidades americanas caracterizou-se, desde seus primórdios, pela idéia de *prestação de serviços*”.

(MELO NETO, 1996: p. 8).

Essa vontade de “ilustrar” a comunidade por intermédio das ações extensionistas, sugere que a universidade precisa, em certo sentido, “abrir caminhos” à sociedade, ou seja, é como se a comunidade científica fosse a mais preparada e indicada para dar as respostas aos anseios das pessoas.

Contudo, apesar dessa concepção de extensão, cujo histórico é tradicional e aparentemente tecnicista, ter pautado as primeiras propostas para a Universidade Brasileira, vislumbrava-se, sobretudo a partir das Reformas³ Educacionais sofridas pelo país, que a Extensão contribuísse para a instauração de uma Universidade moderna, inovadora, e que entenda a relevância e/ou necessidade de cada vez mais a Extensão articular-se à Pesquisa e ao Ensino.

Dentre as proposições trazidas por essas Reformas, destaco:

*Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932): “... a educação de nível superior deve ser organizada de maneira que possa desempenhar a tríplice função que lhe cabe de elaboradora ou criadora de ciência (investigação); docente ou transmissora de conhecimento (ciência feita) e vulgarizadora ou popularizadora pelas instituições de extensão das ciências e artes” (Romaneli, 1978, p.149).

* Lei 5.540 de 28.11.68 Reforma Universitária (1968): Art. 40 - “... as instituições de ensino; por meio de suas atividades de extensão proporcionarão aos corpos discentes oportunidade de participação em programas de melhorias das condições de vida da comunidade e no processo geral do desenvolvimento”.

*Constituição Brasileira (1988): Consagrou de vez a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão em seu artigo 207 - “As Universidades gozam de autonomia

³ Cf. <http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6094/5042>

didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Segundo SOUSA (1994) apud. MELO NETO (1996) esse processo,

“(…) vai implicar a necessária parceria tão propalada nos dias de hoje. Parcerias que expressarão tanto na dimensão interna como, também, na dimensão externa da comunidade universitária. Tal perspectiva vai abrir a concepção de *extensão* como “a porta da qual os clientes e usuários têm de bater, quando necessitados””. (SOUSA apud. MELO NETO, 1996: p. 6).

Esse reconhecimento atribuído à Extensão teria sido, portanto, fundamental para sua constituição, institucionalmente realizada durante o FORPROEX.

O que hoje se entende por Extensão Universitária pode ser resultado de um processo intenso e deliberativo, onde conceituações foram pré-estabelecidas a partir das discussões realizadas durante esse Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), que por sua vez, fundamentou-se nas experiências práticas, até então vividas, pelos representantes das Universidades. Nesse fórum, foram pensadas e sistematizadas as primeiras definições acerca daquilo que se configuraria em uma Política de Extensão Universitária.

Esclarece Torres (2003), que

“Esse fórum surgiu como uma tentativa de unificar as atividades de extensão realizadas no país [...]. Nessa tentativa, foram produzidos, ao longo dos encontros do fórum, documentos que se apresentam como diretrizes conceituais e políticas de extensão”. (TORRES, 2003: p.23).

Essas proposições que passariam a subsidiar as ações de extensão no Brasil acabaram contribuindo para a formulação de diretrizes fundamentais para as universidades do país, levando a uma articulação entre as mesmas, de modo que tais ações pudessem, gradualmente, promover adequadamente suas intenções de “transformação social”.

O conceito de Extensão Universitária,

“[...] fundamenta-se na capacidade de a universidade brasileira promover a transformação da sociedade, o que significa o pleno exercício da cidadania, para superar a excludência ou marginalização a que está submetida grande parte da população”. (IBIDEM, p.25).

Na Universidade Federal de Viçosa é possível identificar a intenção de garantir que suas ações extensionistas melhorem efetivamente à sociedade, pelo menos é isso que se observa nos discursos de sua atual Política de Extensão.

3.2. A Extensão Universitária na Universidade Federal de Viçosa

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) estabelece as diretrizes para as ações de extensão universitária, em sua Política de Extensão (2007). Basicamente, o documento em questão busca superar a concepção *tecnocrática*⁴ de Extensão Universitária, e nesse sentido, evita-se a utilização de um saber, estritamente técnico, este promovido por intermédio de cursos e oficinas de capacitação à população. Segundo a Política da UFV, esta concepção,

“[...] limitava o papel da extensão universitária ao simples assistencialismo à sociedade, não considerando a real necessidade da população, bem como a relação de reciprocidade e enriquecimento entre ensino, pesquisa e extensão” (In: Política de Extensão - UFV, 2007).

Percebe-se, então, uma predisposição, por parte da UFV, em adequar sua Extensão àquilo que está previsto no Plano Nacional de Extensão, que claramente defende a necessidade de o saber acadêmico, obtido durante a Pesquisa, viabilizar as

⁴ Refere-se a um tipo de conhecimento atrelado à perspectiva do controle social. Nesse sentido, a tecnocracia (...) “é muito mais do que o simples estar subjugado às máquinas... é um modo humano de ser que encara o real tão – somente através do ideal de controle, normatização, cálculo, dominação. Portanto, a tecnocracia coordena o modo de compreensão humana da totalidade do real, onde este se apresenta como manancial de energia pronta para ser explorado pela vontade de dominação humana”. (cf. CABRAL, A. [s.l]. Disponível In: http://www.achegas.net/numero/doze/alexandre_cabral_12.htm).

devidas condições e/ou oportunidades para que a comunidade participe efetivamente das etapas de concepção, planejamento e execução das ações de extensão, ou resumidamente, da vida universitária. Apesar disso, é importante se levar em consideração o contexto histórico desta Universidade especificamente, seu perfil, originalmente colocado a serviço da elite agrária brasileira. Ou seja, é preciso se reconhecer algumas características institucionais que lhe atribuem especificidade.

Desde sua criação por Arthur Bernardes⁵, a Escola de Agricultura e Veterinária (ESAV), atual UFV, importou o modelo institucional dos “*Land Grant Colleges*”, que era alicerçada na trilogia do ensino, pesquisa e extensão, construída na experiência da histórica americana. Este modelo chegou à Viçosa pelas mãos do primeiro diretor da ESAV, professor Peter Henri Rolfs. Este americano, de forma quase apaixonada, dirigiu o estabelecimento desde sua construção iniciada a partir de 1922. Ele veio para Viçosa por um convite feito, em 1920, pelo então Presidente da Província de Minas Gerais, Arthur Bernardes. “A filosofia dos *Land Grant Colleges*”, basicamente, era resultada da reivindicação dos *Farmes* americanos, que conquistaram terras do governo para instalação de uma escola útil para seus filhos, que fizesse experimentações que validassem as inovações geradas pela indústria nascente e que, finalmente, as difundisse para a sociedade do seu entorno (QUEDA, 1988). Assim, os *Colleges*, junto com as indústrias para agricultura, criaram um contexto no qual a instituição, tanto como as indústrias, tornaram-se estratégicas e definidoras do tipo de desenvolvimento que ocorreu na agricultura norte-americana.

De posse dessas informações sobre os *Colleges*, Bernardes, a partir de 1919, como presidente de Província, não mediu esforços para trazer esse modelo de escola, pois, no mundo, era a melhor opção da época. Assim, cria-se o desenho institucional (ensino, pesquisa, extensão) incorporado pela ESAV. Esta escola, por sua vez, propôs esse modelo para todo o país, o que ocorreu apenas com a reforma universitária de 1969, quando novamente a presença americana se fez presente com o acordo MEC-USAID (COELHO, 1999).

Nota-se, então, que as “atividades de extensão”, de certa forma, teriam sido desenvolvidas desde a criação da ESAV. As aulas iniciam-se em agosto de 1926 com um curso para capatazes. Tratava-se de cursos técnicos voltados à capacitação para o

⁵ Artur da Silva Bernardes foi presidente de Minas Gerais de 1918 a 1922 e presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1922 e 15 de novembro de 1926.

trabalho, pois mesmo entre proprietários de terra, certas habilidades eram desconhecidas, como adestramento de animais para mecanização animal (Ibidem). A proposta da ESAV previa que fossem desenvolvidas experiências para constituição de uma agricultura técnico-científica, com o compromisso de promover mudanças na agricultura mineira.

Porém, essa Escola causou estranheza entre as autoridades da época, como o Secretário da Agricultura com quem Rolfs tinha de negociar os currículos e propósitos pedagógicos. A intenção eminentemente técnica e aplicada, que era desejada pelas elites políticas da Província, como marcas da formação dos “filhos dos fazendeiros” (como eram chamados os alunos da Escola), chocava-se com algumas perspectivas pedagógicas e políticas americanas do professor, que defendia a idéia de que seus alunos deviam não só saber fazer, mas saber convencer.

Nessa disputa acabou vencendo a proposta de uma formação eminentemente técnica e científica. Nessa forma de síntese, entre interesses das elites agrárias e das perspectivas americanas de ensino agrícola, Viçosa tornou-se, ao longo dos anos, uma instituição estratégica para os futuros planos nacionais de desenvolvimento, iniciados nos anos cinquenta e que tinham em vista uma modernização industrial e tecnológica.

O conhecimento científico, técnico e tecnológico gerado ou transmitido na ESAV, (UREMG e finalmente na UFV) foi importante para subsidiar mudanças no padrão agrícola brasileiro. Contudo, como mostram vários estudos do espaço agrário brasileiro, ao longo dos anos, evidenciou-se um modelo de desenvolvimento excludente e voltado para os grandes proprietários de terra no país. De certa forma a UFV participou desse processo recebendo apoios de diversos governos e de instituições americanas, dentre governos desenvolvimentistas até militares da época do golpe pós 64. (COELHO, 2005).

Essa participação da ESAV/UREMG/UFV como espaço institucional de fundamento científico para uma modernização da agricultura, como proposta de mudança técnica e tecnológica sem alteração da estrutura agrária, acabou tornando-se um “valor acadêmico” na instituição. Isso pode evidenciar um tipo de compromisso social da instituição, que começou a modificar-se como exclusividade apenas em anos mais recentes, mais especificamente depois dos anos 2000.

A concepção difusionista, que pretende levar do “cientista” para a sociedade, coloca o professor como o exclusivo detentor do conhecimento, “o dono da verdade”. Entretanto, essa concepção vem sendo questionada nos últimos anos.

Com base nas idéias de Marilena Chauí (2003) esse comportamento difusionista é tecnicista. Entretanto cabe destacar que estaria coerente com contexto nacional, além do que, de alguma maneira, trouxe consequências para o processo de sua transformação em universidade federal, UFV.

Argumenta Chauí (2003) que, nos anos 70, a Universidade se constituiria como um “prêmio de consolação”, oferecido pela ditadura, ou seja, serviria apenas para fornecer a formação rápida de mão de obra qualificada e necessária para o mercado de trabalho. Além disso, seria dentro das Universidades que se encontrariam uma das principais forças motriz de fomento às pesquisas, o que lhe garantiria assumir perante a sociedade um papel de instituição portadora de resultados, uma vez que,

[...] “o conhecimento, ao se tornar força produtiva, é incorporado como componente do capital. Como o capital financeiro é o mais desenvolvido e a sua expressão é a virtualidade, o conhecimento mais importante passa a ser a informação. A informação [neste caso, produzida através da pesquisa] adquire caráter secreto pela sua força econômica e militar. O conhecimento produzido nas relações capitalistas tem o caráter de apropriação privada na lógica fragmentária da ciência, uma vez que a tecnologia tornou a ciência instrumento que produz os próprios objetos. Portanto, a ciência, ao manipular os objetos construídos por ela mesma, torna-se força produtiva, não mais apenas teoria para a aplicação prática, donde o seu caráter produtivo reforçado neste período de mundialização do capital”. (MARI *apud* CHAÚÍ, 2003: 75).

A citação acima ilustra de maneira pertinente o quanto a Universidade, enquanto instituição “portadora de resultados”, se colocaria a serviço de uma demanda oriunda do sistema capitalista.

Levando isso em consideração, pode-se questionar o quanto o ensino superior público brasileiro se empenharia, no sentido de investir e/ou priorizar uma produção de conhecimento, de fato desenvolvimentista para a sociedade (valor presente no ideal extensionista).

É claro que, atualmente, em tempos de UFV, essa concepção difusionista não seria predominante, como se notou no início do presente tópico - sobre a Política de

Extensão em vigor na referida Universidade. Contudo, essa contextualização torna-se relevante, na medida em que sinaliza os aspectos influenciadores, estes relativos à cultura organizacional, que constituíram esta trajetória percorrida pela Extensão Universitária em Viçosa, dos tempos de ESAV até atualmente, com a Universidade Federal de Viçosa. Sendo assim, provoca-se: no que diz respeito à Extensão, até onde a UFV tem fugido da concepção difusionista de Ciência e da formação exclusivamente técnica de seus professores e estudantes, e se colocando, de fato, a disposição da concepção extensionista que reforça “*o compromisso ético-político da educação voltada para a construção da cidadania*” (MIRANDA, 2013).

3.3. A Ciência a serviço da sociedade

Para darmos conta da problemática levantada pela presente pesquisa, ou seja, identificar se, de fato, o conhecimento científico produzido pelos professores, técnicos e estudantes da UFV está sendo utilizado para subsidiar as ações de extensão visando garantir a conquista de resultados efetivos por estas ações e subsidiar a constituição de uma parceria da universidade com a sociedade, opta-se por referenciar o estudo nas seguintes questões:

a) quais são os determinantes na postura da comunidade científica diante da sociedade na produção e aplicação do conhecimento científico, por meio das ações de extensão?

b) como se estrutura, na execução dos projetos de extensão, a relação entre ciência (universidade) e sociedade?

Quando se avalia a conduta do professor na execução dos projetos de extensão é preciso levar em conta que pode existir – além do interesse de melhorar a qualidade de vida da sociedade – outras intenções, estas influenciadas pelo contexto/meio social onde este pesquisador se encontra inserido; pela sua história de vida, fatores psicológicos, influência das instituições (estruturas), etc.

Nessa linha de raciocínio, Gérard Fourez (1995) promove uma discussão a respeito da constituição da ciência e da sua inserção na sociedade que é pautada pela relação entre ciência e ética. Uma vez que a “política universitária” pode ser criada para responder aos interesses particulares da comunidade científica que a produz, Fourez ressalta a necessidade do fortalecimento da ética por parte do cientista. Segundo ele,

“A comunidade científica se estrutura parcialmente,... por interesses determinados pelas organizações sociais às quais se alia, e pelas estruturas econômicas necessárias a seu funcionamento. Ela não é o grupo “neutro e desinteressado” que por vezes ela imagina ser”. (FOUREZ, G. A construção das Ciências. In: Uma corporação com seus próprios interesses, 1995).

E ainda, para Fourez, os cientistas “[teriam] dificuldade em perceber interesses superiores aos de seu grupo, e **acreditarão que o que é bom para eles também o é para a nação**” (Ibidem, pág, 100, *grifos meu*). Seria, então, imprescindível para este autor a comunidade científica se atentar para que os seus interesses individuais não sejam os principais determinantes dos objetivos de seus projetos (pesquisas e extensão).

Uma vez que o conhecimento científico trata de um “poder fazer” ou, nas palavras de Fourez, constitui uma “representação daquilo que poderia ser objeto de uma decisão na sociedade”, necessariamente a ciência está atrelada ao poder. Sendo assim, a Universidade, como centro de produção de conhecimento científico, ganha um papel central como atora na busca da solução dos problemas sociais.

Na avaliação da relação entre ciência e sociedade, Habermas (1973) propõe a existência de três formas de interação: tecnocrata, decisionista e pragmático-política. A primeira forma de interação é a mais difundida em nossa sociedade, pois existe o predomínio de uma tradição cultural de se recorrer aos especialistas solicitando deles não só a identificação do principal problema social a ser tratado, mas também a determinação de qual o melhor remédio para tratá-lo. Então, “*pressupõe-se que o comum dos mortais não compreende nada e recorre-se aos que sabem*” (Ibidem). E é justamente neste ponto que Fourez (apud. Habermas) defende a necessidade do cientista se atentar à ética, para que aquilo que ele apresenta como problema e solução não sejam determinados, principalmente, por seus interesses particulares.

Na segunda forma de interação, os pesquisadores discutem com a sociedade qual problema deve ser abordado, mas, definem por eles mesmos qual é a melhor solução para este problema. Esta forma de interação é deficitária na medida em que a identificação da melhor solução a ser aplicada também deve envolver uma discussão ética, pois passa por julgamentos de valor. Assim, Habermas chega na terceira forma de interação, propondo um modelo pragmático político, onde os pesquisadores e a

sociedade estabelecem um diálogo contínuo em torno da identificação dos problemas e soluções. Neste terceiro contexto, promove-se um ambiente democrático onde a produção do conhecimento científico e sua aplicação pressupõe necessariamente a parceria com a sociedade, cumprindo, desse modo, com o argumento defendido pelo Plano Nacional de Extensão (1999), bem como pela Política de Extensão (2004).

Pode-se depreender, então, que a neutralidade do ator pesquisador – que aqui é o professor, o técnico e o estudante – deve ser conquistada a partir do estabelecimento de um ambiente de parceria com a sociedade no processo de criação e aplicação do conhecimento científico por meio das ações de extensão. Sendo assim, os pesquisadores da UFV precisariam, para garantir o sucesso de tais ações, proporcionar, através de seus projetos, a articulação entre o conhecimento produzido na UFV e a sociedade, de modo que essa população, gradualmente adquira, de certa forma, mais autonomia e confiança para absorver àquilo que os projetos de extensão lhes apresentam como solução para os problemas envoltos à sua qualidade de vida.

“Para ser um indivíduo autônomo e um cidadão participativo em uma sociedade altamente tecnicizada deve-se ser científica e tecnologicamente alfabetizado. Sem certas representações que permitem compreender o que está em jogo no discurso dos especialistas, as pessoas se arriscam a se verem tão indefesas quanto aos analfabetos em uma sociedade onde reina a escrita” (FOUREZ, G. A construção das Ciências. In: Uma corporação com seus próprios interesses, 1995).

Os “cientistas” (professores, técnicos e estudantes) deveriam adotar uma postura pragmático-política, pois, desse modo, as ações de extensão estariam aptas a estabelecer efetivamente o vínculo entre os pesquisadores e a sociedade (conforme é previsto pela Política de Extensão), sem que a população fosse colocada a mercê dos interesses particulares da comunidade científica, ou privados.

Assim, o alcance de resultados efetivos dos projetos de extensão, voltados à melhoria da qualidade de vida da sociedade, depende do abandono da concepção simplista que acredita que a universidade deve, unicamente, prestar um serviço à sociedade que a circunda. Além disso, a extensão deve visar à promoção da “troca [de] conhecimento com a comunidade e a comunidade também esboça a mesma atitude em

relação à universidade. Isto também caracteriza a condição da extensão como uma *via de mão dupla*”. (NETO, [s.l]. pág.1).

Portanto, a Universidade Federal de Viçosa, em sua produção de conhecimento deve buscar pautar-se em conhecimentos (técnico-científicos) prévios e embasados – e não pré-concebidos – sobre a realidade a ser atingida por suas ações intervencionistas. O objetivo da extensão, como já falado, precisa buscar alcançar cada vez mais resultados efetivos, colocando a Ciência, desse modo, como possível proposta para a melhoria da sociedade viçosense, cabendo a essa – uma vez adquirido o conhecimento a ser transmitido/trazido pelos pesquisadores – decidir sobre que ações serão as mais adequadas para a conquista de melhorias efetivas na qualidade de vida de sua população.

“A Universidade não pode se ver como uma entidade fora da sociedade que a circunda, mas, sim, como parte dela. Nessa relação, a sociedade deve passar a ver a Universidade como instância fundamental e importante do corpo social. Mais do que dialogar, debater temáticas ou servir de fórum, a Universidade tem de ouvir a sociedade para responder, concretamente, aos seus anseios, com os instrumentos de que dispõe”. (PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2001-2010).

3.4. O conceito de Qualidade de Vida

Sabe-se que o conceito de qualidade de vida pode englobar inúmeros aspectos, o que poderia, de certa forma, dificultar o processo de seleção dos projetos de extensão a serem estudados pela pesquisa. Dessa forma, de modo a embasar, bem como nortear tais critérios, aciona-se a definição universal e geral sobre o que de fato seria Qualidade de Vida. Para tanto, escolhemos o “Instrumento⁶ de Avaliação de Qualidade de Vida da OMS (Organização Mundial de Saúde), cuja sigla é WHOQOL-100”, uma vez que foi comprovado que o referido instrumento da OMS está apto a ser aplicado no Brasil. Estudos contemporâneos apontam que a

⁶ Disponível In: “Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100)”. In: Revista Brasileira de Psiquiatria, 21 (1), 1999.

“preocupação com o conceito de “qualidade de vida” refere-se a um movimento dentro das ciências humanas e biológicas no sentido de valorizar parâmetros mais amplos que o controle de sintomas, a diminuição da mortalidade ou o aumento da expectativa de vida [...] alguns autores têm considerado que existe um “universal cultural” de qualidade de vida, isto é, que, independente de nação, cultura ou época, é importante que as pessoas **se sintam bem psicologicamente, possuam boas condições físicas e sintam-se socialmente integradas e funcionalmente competentes**”. (Ibidem, pág. 20, grifos meu).

Amparando-nos na definição obtida pela equipe do instrumento de avaliação, WHOQOL, entende-se por Qualidade de Vida,

“a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações, [estas baseadas] em seis domínios: domínio físico, domínio psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade / religião /crenças pessoais”. (WHOQOL GROUP, 1994).

Foi a partir desta definição, bem como destes seis domínios que elencamos os critérios utilizados na seleção dos oito projetos de extensão, estes que seriam objeto de nossa análise.

3.5. Definindo a Hipótese

A partir da discussão realizada acima, desenha-se como hipótese desta pesquisa: a predominância na UFV da forma tecnocrata de relação entre ciência e sociedade cria um ambiente propício à valorização dos interesses da comunidade científica e a desvalorização dos interesses da sociedade na execução das ações de extensão. Cabe destacar, porém, que a tecnocracia resulta, tanto da conduta do professor/técnico/estudante quanto da conduta da sociedade, que não busca o conhecimento e canais de participação no trabalho de produção e aplicação do conhecimento científico. Além disto, a conduta dos gestores, tanto pode ser orientada por questões subjetivas, possivelmente influenciadas pela própria Academia, quanto

pela interferência do ambiente onde atua, por exemplo, a estrutura burocrática de gestão das ações na universidade e os interesses econômicos de empresas privadas que financiam ou se beneficiam das pesquisas.

4. METODOLOGIA

Para verificarmos a hipótese foi preciso avaliar a conduta dos pesquisadores durante a elaboração e execução das ações de extensão, e também a conduta da comunidade que, por sua vez, é “atingida” por estas ações. Para isto, foram realizadas entrevistas com o gestor do projeto de extensão, sua equipe técnica e a população.

A princípio foi preciso aplicar um questionário fechado (*survey*)⁷ em todos os professores que desenvolveram projetos de extensão na UFV, a partir do ano de 2012. Este retrato inicial nos possibilitaria identificar um perfil geral desses gestores, bem como a forma que sua equipe atua. Por conseguinte, esse retrato está apto a fornecer uma representação sobre como as ações de extensão na Universidade vem sendo executadas.

De um total de 197 projetos de extensão, obtiveram-se as respostas de 40 (quarenta) professores-gestores. Assim, com o retrato inicial obtido pelo *survey*, aplicado, apenas, nos professores que desenvolvem projetos de extensão na UFV, passa-se a acionar, como sendo o principal método dessa pesquisa, as entrevistas qualitativas, com roteiros semiestruturados, realizadas, novamente, com alguns professores-coordenadores de projetos de extensão, oito especificamente. Como “donos dos projetos” tornou-se imprescindível obter o depoimento desses profissionais, que são professores da Universidade Federal de Viçosa e autores dos projetos de extensão.

⁷ Disponível In:

<https://docs.google.com/forms/d/1TX-a7DYFwjG3yJTKitnSACwLHSQNonioIIsS6mRerQw/viewform>

Desse modo, através dessas entrevistas, se foi possível averiguar em que medida o conhecimento científico e a rotina de produção de conhecimento científico foram utilizados na elaboração do projeto de extensão e na gestão da ação, permitindo acompanhar os resultados alcançados e empreender possíveis correções nos rumos tomados pelo projeto para garantir o resultado efetivo da melhora da qualidade de vida da população. Neste contexto, estabeleceu-se foco privilegiado na avaliação da participação da sociedade, tanto na elaboração do projeto, quanto na gestão e avaliação das ações executadas.

Posteriormente, nos voltamos para as entrevistas qualitativas com a equipe técnica que auxilia os pesquisadores a realizarem seus projetos de extensão. Ou seja, foram entrevistados os bolsistas e eventuais parceiros desses projetos com o intuito de compreender melhor como a gestão do projeto foi efetivamente realizada. Desse modo, buscou-se verificar em que medida as propostas, intenções e vontades do professor coordenador da ação foram efetivamente colocadas em prática, buscando identificar a existência de diferenças entre o discurso do gestor da ação e aquilo que de fato ocorreu na execução do projeto.

Também, foram entrevistadas pessoas da comunidade viçosenses, esta atingida pelas ações desenvolvidas, o que nos permitiu identificar se, de fato a extensão na UFV tem se colocado como parceira da sociedade viçosense, para que os resultados efetivos a favor da melhoria da qualidade de vida da população sejam conquistados. Estas entrevistas com o público alvo tornam-se, portanto, essenciais para nos mostrar qual a postura da sociedade diante da ciência: uma postura passiva e apática ou uma postura pró-ativa e questionadora. Assim, será averiguado, tanto se na execução da ação de extensão foram abertos canais de participação para a sociedade, quanto se, na existência destes canais, a sociedade se mostrou pró-ativa e participativa.

Pretendia-se, ainda, que um último conjunto de entrevistas fosse direcionado para a equipe da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC) e/ou do NAPE - Núcleo de Apoio a Projetos de Extensão da UFV, pois a postura tomada pelos professores na execução das ações de extensão também é influenciada pela cultura organizacional e pelos procedimentos burocráticos estabelecidos pela universidade. Igualmente, se existente, a posição tecnocrática dos professores pode ser reflexo, simplesmente, de certos condicionantes trazidos pelo ambiente universitário. Como servidor da

universidade, o professor tem que se submeter a estes condicionantes e isto pode resultar na sua conduta de forma tecnocrata diante da população.

4.1. A etapa quantitativa (*survey*)

Após uma reunião realizada com o professor e pró-reitor da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC-UFV), nos foi solicitado a realização de um levantamento mais representativo (geral) sobre o comportamento dos professores que desenvolvem ações de extensão na UFV, o que nos levou a acrescentar itens de ação ao cronograma inicial da pesquisa. O referido pró-reitor demonstrou muito interesse no projeto - na época de iniciação científica - dizendo que esse tipo de estudo é de extrema relevância para a Universidade Federal de Viçosa. Dessa forma, ele nos sugeriu que elaborássemos um questionário para ser aplicado em todos os professores que realizam algum tipo de projeto de extensão na UFV.

Foi necessário, primeiramente, estabelecer como seria este questionário, bem como esse *survey* seria aplicado. Por uma questão prática, esperava-se que o questionário fosse disponibilizado aos entrevistados via e-mail (um formulário digitalizado, possivelmente em arquivo Google DOCS). Para tanto, não seria viável que o instrumento de pesquisa fosse muito extenso (com muitas questões), pois se objetivava obter o maior número possível de professores entrevistados. Além disso, pretendia-se assegurar, com um questionário mais enxuto, porém consistente, que os entrevistados o respondessem com mais dedicação. Portanto, antes de se iniciar a etapa das entrevistas qualitativas com os gestores, equipe de trabalho e comunidade envolvida nos oito projetos de extensão (a serem selecionados), primeiramente, aplicaríamos o *survey* em todos os professores, autores de projetos de extensão da UFV, conforme sugerido pelo pró-reitor da PEC.

Para a criação do formulário (do *survey*), achamos conveniente acionar uma professora⁸ do Departamento de Economia Rural, que estuda e se dedica pela temática envolta à “Extensão Universitária”. Pensamos que, com a contribuição e/ou experiência

⁸ Professora France Maria Gontijo Coelho, que possui doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (1999). Trabalha com temas das áreas de conhecimento das Ciências Sociais e Ciências Agrárias, com ênfase em Extensão Rural.
(cf. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4784228E8>).

dela, aperfeiçoamentos à primeira versão do questionário poderiam ser realizados. A reunião, realizada com a professora em questão, contribuiu para o amadurecimento acerca das diretrizes, até então, pré-estipuladas para encaminhamento do questionário aos gestores de projetos de extensão. O referido encontro contou também com a presença de uma das responsáveis pelo NAPE – Núcleo de Apoio dos Projetos de Extensão da Universidade Federal de Viçosa. Descobriu-se, por exemplo, que é este Núcleo o encarregado de organizar, registrar, bem como acompanhar os projetos de extensão da Universidade, zelando, da melhor maneira possível para o devido cumprimento dos itens de ação previstos pelos mesmos.

Após a realização desta reunião, e levando em consideração todas as sugestões apresentadas, realiza-se no questionário um primeiro reajuste. Além disso, conseguimos angariar um apoio fundamental durante este processo de aperfeiçoamento: o próprio NAPE se colocaria como parceiro da nossa pesquisa, de modo que, pelo menos o *survey* pudesse ser devidamente aplicado nos professores que desenvolvem projetos de extensão na UFV. Assim, o Núcleo se prontificou em enviar – via e-mail – o questionário, uma vez que o mesmo tem arquivado e registrado todos os contatos desses profissionais.

Algo muito interessante e necessário que nos foi colocado durante a reunião com a professora, foi a importância de o nosso estudo estar vinculado, e, por conseguinte, aprovado, no Comitê de Ética da Universidade Federal de Viçosa (CEP-UFV). Segundo ela, por estarmos lidando com um grande número de pessoas durante a etapa de campo, se faria relevante tomarmos certos cuidados e dotarmos nossas ações da maior credibilidade possível. Ao submetermos nosso projeto ao CEP-UFV – ou seja, através do aval da Universidade – seria possível estar desenvolvendo um estudo onde nos fossem assegurados apoio e estrutura. Sendo assim, submete-se a pesquisa ao Comitê, que a aprovou no dia 14 de agosto de 2013, através do parecer consubstanciado, número 360.156.

4.2. A etapa qualitativa

Buscando trazer um retrato do que ocorre na UFV de forma representativa, selecionou-se 2(dois) projetos de cada área de conhecimento científico da Universidade

Federal de Viçosa, a saber: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas. Então, 8(oito) projetos foram estudados.

Para selecionar esses projetos de extensão levou-se em consideração os seguintes critérios:

1. Se os objetivos destes projetos preveem que suas ações sejam voltadas à promoção da qualidade de vida do público-alvo a ser atingido pelo projeto;
2. Projetos executados durante o ano de 2012.
3. Se os recursos financeiros e humanos para a execução dos projetos são expressivos.

Esse último critério seria importante para verificar se em projetos que recebem muito recurso, existe uma gestão eficiente (e que se faz necessária), bem como prestação de contas das atividades realizadas. E ainda: também seria possível constatar, se projetos com mais condições são mais suscetíveis a conquistar resultados efetivos no sentido da melhora da qualidade de vida da população.

4.2.1. Os roteiros de entrevistas

A partir da leitura e reflexão atenta, tanto do Plano Nacional de Extensão, como da definição de qualidade de vida – conceito este que conforme demonstrado foi priorizado nos projetos de extensão que o defendesse em seus objetivos – elabora-se 4(quatro) roteiros de perguntas que seriam, então, realizadas durante as entrevistas com os atores dos projetos de extensão estudados.

Em cada roteiro de pergunta deveria constar três sessões temáticas e fundamentais para corroborar ou questionar a hipótese de nosso estudo. São elas:

1 – Projeto: os entrevistados foram questionados sobre seus respectivos projetos de extensão a respeito da motivação para a criação, embasamento teórico para o trabalho, os objetivos das ações, o tipo de impacto social a ser gerado, o processo de avaliação dos resultados, bem como outros pontos relativos ao funcionamento e/ou execução dos projetos.

2 – Extensão na UFV: as perguntas foram direcionadas aos entrevistados visando mensurar o grau de conhecimento dos mesmos em relação ao que consta no Plano de Extensão da universidade, além, é claro, da adequação dos respectivos projetos

às diretrizes e aos objetivos normativos presentes no documento em questão. As perguntas desta seção tiveram também o objetivo de avaliar a visão da equipe de gestão das ações de extensão da UFV a respeito do que constitui uma ação de extensão e quais devem ser os seus objetivos.

3 – Público-Envolvido: finalmente, a última sessão do roteiro utilizado nas entrevistas nos trouxe questões capazes de ajudar na constatação ou não da existência da relação pretensamente indissociável entre, por um lado, a universidade e a sociedade e, por outro lado, entre pesquisa, extensão e formação.

No total 4(quatro) roteiros⁹ foram criados, sendo que as referidas sessões temáticas foram, então, distribuídas aleatoriamente. Cabe afirmar também que foi estabelecido um número-padrão de perguntas, uma média de 10(dez) para cada um dos roteiros. Além das questões, uma saudação inicial foi criada com o intuito de conduzir entrevistadora e entrevistados à discussão esperada pela conversa a ser estabelecida.

Devido às exigências do Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa (CEP-UFV), um Termo¹⁰ de Consentimento Livre e Esclarecido deveria ser entregue ao entrevistado(a). O(A) mesmo(a) o leria, e se de acordo o assinaria, consentindo, portanto, sua participação na pesquisa.

⁹ Disponíveis no ANEXO 1.

¹⁰ Disponível no ANEXO 2.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da criação de um tipo ideal de gestor de projetos de extensão, esperava-se que fosse possível constatar em que medida os projetos de extensão desenvolvidos pela Universidade Federal de Viçosa se adéquam à perspectiva pragmático-política, proposta por Habermas (1973). É importante ressaltar que, do ponto de vista metodológico, os “modelos” - tipos ideais - assumem um caráter hipotético. Além disso, ao acionarmos a teoria, espera-se que tenhamos determinadas releituras e interpretações sobre os resultados obtidos ao longo do trabalho de campo realizado.

No caso, a análise envolveu uma localização da prática dos gestores das ações de extensão da UFV em função de dois modelos ideais, como apresenta o quadro abaixo:

TABELA 1: O tipo ideal de gestor de projetos de extensão

Extensão Tecocrata	Extensão Pragmática-Política
Participação passiva da sociedade, onde os professores que realizam ações de extensão são os únicos responsáveis pela identificação, tanto do problema como da melhor solução para ele, e pela execução das ações.	Promove-se um ambiente de discussão com a sociedade durante o processo de identificação do problema e da sua solução, elaboração do projeto e execução das ações de extensão.

Para desenvolvimento da análise dos dados da pesquisa, levou-se em consideração, tanto o tipo ideal de gestor-pesquisador, apresentado acima sob a

perspectiva *habermasiana*, como através daquilo que se espera da Extensão Universitária, em âmbito nacional.

Notou-se, ao longo do texto, que a extensão constitui um espaço para aprendizagem prática e ao mesmo tempo um espaço para testar e aperfeiçoar os conhecimentos produzidos pela Universidade. O sucesso destes processos dependem da efetiva produção de resultados nos problemas sociais enfrentados, onde para tanto deve haver um equilíbrio e atuação, idealmente, recíproca do chamado tripé: Pesquisa-Ensino-Extensão. Dessa maneira, as instituições de ensino superior assegurariam o compromisso do conhecimento científico com a sociedade, e mais, sem confundir a prática extensionista com uma atividade assistencialista, puramente.

No que diz respeito à **Concepção e Planejamento** dos projetos de extensão desenvolvidos pelos professores da Universidade Federal de Viçosa (UFV), espera-se, do ponto de vista ideal que tenhamos, efetivamente, a participação da sociedade em todas as etapas de elaboração (gestão pragmático-política). Dessa maneira, então, a comunidade deve ser acionada, tanto para que o gestor, em parceria com a mesma, estabeleça quais seriam os problemas que devem ser alvo da ação dos projetos, como para que esta mesma comunidade forneça, através de sua vivência na região, os subsídios capazes de comporem um diagnóstico sobre os desafios a serem enfrentados durante a execução das ações extensionistas, em um processo de gestão onde o professor esteja, constantemente, refletindo em conjunto com a sociedade.

Apesar disso, constatou-se que, dentre os 40 entrevistados, apenas metade (50%) dos gestores elaboraram seus projetos junto à comunidade, e isso não necessariamente apoiando-se em conhecimento científico. E apesar de 20% dos gestores afirmarem que criaram os projetos junto com a comunidade, segundo grande parte das entrevistas qualitativas, não houve participação da população nesta etapa (cf. Tabelas abaixo). Em todo caso, de forma geral houve um consenso no discurso (qualitativo) dos gestores sobre a importância da participação da comunidade no planejamento e execução das ações: *“O projeto pode sofrer modificações, visando melhorias, a partir das demandas da sociedade [...] Embora seja difícil envolver as pessoas nas etapas decisórias...”* (fragmento de entrevista qualitativa).

TABELA 2: *Survey* - O projeto de extensão seria elaborado a partir de quê?

O PROJETO FOI ORIGINÁRIO A PARTIR DE...	SIM	NÃO
Solicitação da Comunidade	8 (20%)	32 (80%)
Diagnóstico Técnico-Científico sobre problemas da comunidade	11 (27,5%)	29 (72,5%)
Reflexões do Professor conjuntamente com a Comunidade	20 (50%)	20 (50%)
Conteúdo Não técnico-científico sobre os problemas da comunidade	12 (30%)	28 (70%)
Ideia do Professor para atender à Edital	1 (2,5%)	39 (97,5%)
Outra Motivação	7 (12,5%)	33 (82,5%)

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

TABELA 3: *Survey* - O projeto de extensão seria elaborado a partir de quê?

O PROJETO FOI ORIGINÁRIO A PARTIR DE...	FREQ.	%
Solicitação da comunidade	4	10%
Diagnóstico técnico científico sobre o problema + Reflexão do professor com a comunidade	4	10%
Reflexões obtidas pelo professor juntamente com a comunidade	8	20%
Conteúdo não técnico científico sobre problemas da comunidade	7	17,5%
Nenhum dos itens acima	6	15%

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

Percebe-se que, na Tabela 3 o nosso gestor ideal ainda precisaria superar a dificuldade que é, efetivamente, envolver a sociedade como parceira durante a concepção e planejamento, uma vez que, embora se sobressaia o dado que aponta 20% de professores elaborando seus projetos em conjunto com a comunidade, os mesmos o fazem sem o devido apoio ao conhecimento científico, o que pode significar que este diagnóstico inicial esteja sendo elaborado de maneira informal (conversas entre gestor e algum líder comunitário, por exemplo). Isso não necessariamente garantiria as informações que retratem os dilemas enfrentados pela sociedade, de modo que os projetos de extensão obtenham uma pista sobre onde intervir.

Por outro lado, essa dificuldade em se envolver a população nas etapas decisórias, como apontou uma das entrevistas qualitativas, pode estar associada a uma postura pouco participativa por parte dessa população.

Segundo Holanda (1995), a população pode não estar se sentindo parte da comunidade científica, e por isso não necessariamente faz questão de participar durante o processo de concepção e planejamento dos projetos de extensão. Uma possível solução para isso, ainda segundo Holanda (1995), seria a comunidade científica, então, viabilizar canais para que esta parceria entre Universidade e Sociedade promova a devida participação, por parte da comunidade envolvida, nas ações de extensão.

No que se remete à **Execução das Ações de Extensão**, nosso “gestor ideal” deve buscar estabelecer um diálogo contínuo e permanente com a comunidade, tendo, inclusive de ouvir sua opinião e, claro, também deve querer atender as eventuais sugestões trazidas por ela. Quando olhamos os dados de nossa pesquisa, observa-se que existiu um consenso entre os dados obtidos no *survey* e nas entrevistas qualitativas. Praticamente 98% dos gestores alegaram que durante a execução dos projetos de extensão é estabelecido diálogo com a população.

TABELA 4: Survey - O diálogo com o a comunidade

A EXECUÇÃO ESTABELECEU UM DIÁLOGO CONTÍNUO COM O PÚBLICO-ALVO?	FREQ.	%
Sim	39	97,5%
Não	1	2,5%

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

O mesmo foi constatado no discurso dos 9(nove) professores entrevistados (qualitativo). O curioso nestes dados é que, apesar de os gestores afirmarem que a comunidade participa ativamente das ações dos projetos, a maioria dos bolsistas, nas entrevistas qualitativas, alegaram que o público envolvido, apenas, participa de forma passiva nos projetos, seja assistindo palestras, seja recebendo capacitações em oficina. Novamente, nota-se aqui a análise realizada por Holanda (1995), que aponta para uma predominância do comportamento pouco participativo por parte da comunidade, atingida pelos projetos de extensão. Embora, devemos ponderar, por outro lado, até que

ponto os gestores estão promovendo, através das ações previstas por seus projetos, canais efetivos para que haja de fato a participação dessas pessoas.

Quando perguntados sobre a execução das atividades previstas pelos projetos de extensão, observou-se que nem todos os projetos conseguem realizá-las efetivamente, o que foge do modelo ideal por nós estipulado. O esperado seria os gestores executarem as suas ações de extensão contando com a parceria da população. E ainda: o caráter dessa participação deve ser ativo, ou seja, a população também deve se enxergar como responsável pelas ações. Nesse sentido, o resultado deveria apontar a constatação de uma gestão que consegue realizar efetivamente os planos de ação preestabelecidos durante a concepção e realização dos projetos de extensão. Contudo, percebe-se que ainda existem alguns desafios durante a execução desses projetos, que inviabilizam a predominância do modelo pragmático-científico. Nas entrevistas qualitativas identificamos que isso ocorreria, também, devido à falta de interesse por parte de bolsistas: *“Os alunos da UFV não tinham interesse de continuar”* (fragmento de entrevista). As limitações, neste caso, estariam embutidas nas motivações que levariam ou não ao interesse em participar de um projeto de extensão. Apesar da relevância da Extensão em cenário nacional, ainda persiste uma cultura acadêmica que atribui à Pesquisa maior importância. Percebe-se um interesse mais significativo, sobretudo por parte dos estudantes de graduação, para participar de projetos de pesquisa (iniciação científica), sob o argumento que a Ciência, desenvolvida no âmbito da pesquisa, atende melhor aos anseios do mundo moderno (Scwartzman, 2011).

TABELA 5: *Survey* - De que maneira as ações do projeto foram executadas?

AS AÇÕES DO PROJETO FORAM...	FREQ.	%
Executadas Plenamente	22	55%
Executadas Parcialmente	18	45%
Interrompidas	0	0%
TOTAL	40	100%

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

Além disso, é preciso se considerar o fator tempo, entendendo este como um possível elemento prejudicador para a conquista da devida execução das ações, previstas

pelos projetos de extensão. Nem sempre os projetos conseguem garantir um financiamento para mais de um ano, e dessa maneira, muitos deles precisam interromper as atividades de extensão quando este prazo de tempo se encerra. Neste caso, não necessariamente o plano de ação foi devidamente executado durante o trabalho de campo, o que deve frustrar tanto a comunidade científica - que concebeu o projeto de extensão, como o público-alvo, que acaba presenciando o encerramento de um trabalho voltado à melhoria de sua qualidade de vida.

O problema nesta interrupção do trabalho é que a população corre o risco de se sentir desmotivada, abandonada, afinal nem sempre a equipe da UFV lhe dá satisfação sobre o porquê do término das atividades do projeto. Verificou-se, por exemplo, em algumas das entrevistas qualitativas a existência de “público-alvo” que se sentiu responsável pelo fim do projeto de extensão.

Ainda no que se refere a “dar satisfação à população sobre os rumos do projeto de extensão”, percebe-se o quanto é contraditória a opinião de gestores que acreditam que seus projetos impactaram positivamente a população, tornando-a mais autônoma, participativa, informada, capacitada e até lhe despertando algum tipo de conduta cívica, quando comparamos essas falas com as informações que a pesquisa coletou sobre a comunidade. Menos da metade dos professores da UFV, ou membros da equipe, sabiam nos informar o contato das pessoas que eram atingidas pelas atividades de extensão desses projetos, algo que fica notável quando se observa a ínfima quantidade de entrevistas que essa pesquisa conseguiu realizar com a população impactada pelas ações de extensão. Como justificativa, para a baixa participação da comunidade, temos o fato de que, tanto professores, como bolsistas não sabiam informar sobre o paradeiro dessas pessoas, o que inviabilizou a coleta desses depoimentos.

Apesar disso, todos os gestores entrevistados acreditam e concordam com o quanto é imprescindível à comunidade participar de todo o processo de tomada de decisão sobre as ações relativas à melhoria de sua qualidade de vida.

TABELA 6: Survey - A comunidade deve participar das etapas decisórias?

DECISÕES RELATIVAS ÀS AÇÕES DE EXTENSÃO QUE VISEM MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DA COMUNIDADE DEVEM SER TOMADAS COM PARTICIPAÇÃO DESSA COMUNIDADE?	%
Sim	40 (100%)

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

Em relação às eventuais mudanças sofridas pelos projetos de extensão dos entrevistados, a Tabela 7 apresenta-nos um percentual de 60% de gestores que afirmam não terem feito modificações nos objetivos e na razão de existência dos projetos. Mais uma vez esse dado se afasta um pouco daquilo que se espera de uma gestão participativa, uma vez que, do ponto de vista ideal espera-se que o projeto sofra modificações ao longo de sua realização, sobretudo a partir das expectativas e/ou interesses da população envolvida que podem não convergir - em um primeiro momento - com aquilo que o gestor concebera quando criou o projeto (daí a necessidade de modificação). Esse argumento é corroborado nas entrevistas qualitativas: em todos os casos houve mudanças durante a execução dos projetos, sobretudo devido às demandas e desafios enfrentados durante o trabalho de campo.

TABELA 7: Survey - Foram feitas mudanças no projeto?

HOUVE MUDANÇAS NOS OBJETIVOS OU NA RAZÃO DE EXISTÊNCIA DO PROJETO?	FREQ.	%
Sim	16	40%
Não	24	60%

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

Simon Schwartzman (2001), levanta a hipótese de que “a atividade científica não pode se desenvolver e ser mantida de forma sustentada se não tiver um componente importante de auto-referência e auto-regulamentação” (cf. p. 20). Nesse sentido, os gestores alegarem a constante interrupção de suas ações dentro dos projetos de extensão seria problemático, se tomamos o ponto de vista desse autor. E isso porque a Ciência, sob este viés, deve ser pragmática, ou seja, apresentar resultados concretos, o que faz

com que a mesma seja reconhecida e prestigiada pela sociedade. Romper com as ações de um projeto pode inviabilizar esse pragmatismo científico, ainda que em certos momentos rever aquilo que vem sendo executado seja preciso. Não por acaso, todos os entrevistados (na parte qualitativa da pesquisa) alegaram a necessidade de realizar modificações naquilo que haviam concebido antes do início dos seus respectivos projetos de extensão. Até porque tais mudanças, longe de denunciar as limitações e/ou erros de um projeto de extensão, acabam, ao contrário, fornecendo os subsídios capazes de levar os cientistas a entenderem melhor porque as coisas “são como são”, e em que direção podem caminhar para superar esses desafios (Ibidem).

No que tange à **Avaliação das Ações de Extensão**, foi possível perceber que esta se restringe ao público da ação diretamente envolvido e não busca identificar a efetividade na solução do problema social da comunidade, o que é problemático quando levamos em consideração nosso modelo ideal de gestão. Na realidade, os projetos de extensão, de certa forma, precisariam buscar contribuir para uma maior emancipação da comunidade, de modo que os seus anseios sejam, gradualmente, solucionados.

TABELA 8: Survey - O projeto foi elaborado a partir do quê?

O PROJETO FOI ELABORADO A PARTIR DE...	SIM	NÃO
Informações coletadas com o público-alvo diretamente envolvido	29 (72,5%)	11 (27,5%)
Informações obtidas com a equipe técnica	23 (57,5%)	17 (42,5%)
Informações coletadas com a comunidade e com um público não diretamente envolvido nas ações	9 (22,5%)	31 (77,%)
Informações coletadas a partir de outros órgãos públicos	3 (7,5%)	37 (92,5%)
Outras informações	5 (12,5%)	35 (87,5%)

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

De qualquer maneira é importante considerar o fato de que, apesar das dificuldades e das incongruências, no que se refere à adequação ao “tipo ideal”, é perceptível que a Extensão Universitária na UFV tem apresentado melhorias, estas reconhecidas no próprio trabalho de cada gestor, que acredita, seguramente, que as ações executadas por seus respectivos projetos, têm contribuído positivamente para a conquista de mudanças na qualidade de vida da população.

TABELA 9: Survey - O projeto atende aos interesses da comunidade?

O PROJETO VEM ATENDENDO OS INTERESSES DO PÚBLICO-ALVO?	FREQ.	%
Plenamente	23	57,5%
Parcialmente	16	40%
Não	1	2,5%

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

No que diz respeito aos **Resultados Alcançados** pelos projetos de Extensão dos professores entrevistados, constatou-se que mais da metade atendem plenamente os interesses da população (Tabela 9). Esse resultado atende, de alguma maneira, aquilo que se espera de uma gestão pragmático-política. Além disso, cerca de 50% melhoraram parcialmente a qualidade de vida das pessoas, algo que também é corroborado pelas entrevistas qualitativas.

TABELA 10: Survey - Os resultados tem melhorado a qualidade de vida da população?

O PROJETO VEM APRESENTANDO RESULTADOS EFETIVOS NO SENTIDO DE MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DO PÚBLICO-ALVO?	FREQ.	%
Plenamente	16	40%
Parcialmente	21	52,5%
Não	3	7,5%

Fonte: Base de dados Pesquisa e Extensão na UFV

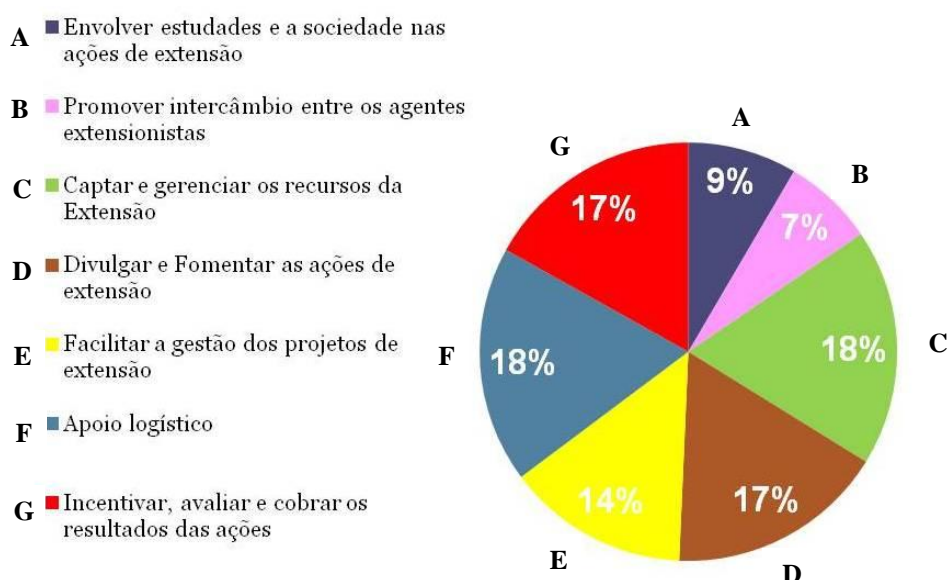
O eventual desencontro em relação à percepção sobre os resultados da extensão, no sentido de promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, pode estar associado à influência recebida dos “*Land Grant Colleges*” norte-americanos pela UFV (antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV). Esse modelo importado apresentava à Universidade mineira a necessidade e importância do “aprender fazendo”. Ou seja, a formação científica na UFV deveria ser prática, e nesse sentido, a sociedade seria como uma espécie de laboratório, ou seja, não necessariamente havia diálogo e trocas de saberes entre a comunidade científica e a viçosense.

Como já foi discutido, esse diálogo só estaria se estreitando atualmente, ou a partir do momento em que a instituição abrangeu os objetivos de sua política de extensão, prevendo, que além de simplesmente oferecer uma possibilidade de obtenção de conhecimento técnico e prático por parte dos cientistas, ela deveria contribuir

também para a construção dos direitos de cidadania e para o balizamento do ensino e da pesquisa à relevância social. Em outras palavras: identificando, junto com a população, quais seriam as necessidades dos viçosenses, com o intuito de contribuir para sua melhoria.

Finalmente, quando perguntamos aos entrevistados (*survey*), sobre qual deveria ser, em suas opiniões, o papel da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, obtivemos o seguinte:

GRÁFICO 1: Qual deve ser o papel da PEC?



Respostas correspondem a 100% de entrevistados (survey)

Aparentemente, segundo os dados do Gráfico 1, houve uma melhoria na atuação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC), melhoria essa reconhecida pelos gestores, através de alguns depoimentos obtidos nas entrevistas qualitativas. Contudo, ainda seria necessário superar certos desafios, tais como:

- A necessidade de se demonstrar que a Extensão é igualmente relevante quanto a Pesquisa. Cabe mencionar que, um dos relatos de entrevistas, afirma que às vezes “o próprio departamento, onde o gestor atua, não autoriza ou valoriza a priorização, por parte do professor, das atividades extensionistas”. Uma entrevistada deixou claro em sua fala que “desistiu de

seu projeto devido à falta de apoio e incentivo de seu departamento”, sendo que esse seu projeto de extensão lhe motivava muito, em termos pessoais e profissionais. Além disso, a chateação desta entrevistada, que não conseguiu concluir seu projeto de extensão, é atribuída ao pouco interesse e à falta de seus bolsistas de extensão na época. Resultado: nem sempre é só a comunidade que sai frustrada nesse cenário. Muitos professores gostariam de desenvolver, efetivamente, ações de extensão na UFV, porém nem sempre as condições para tanto lhe são favoráveis e ou promovidas (cultura organizacional precisaria ser modificada).

- **A falta de infraestrutura e logística para execução de alguns projetos.** Aliás, uma das principais dificuldades que os professores alegam enfrentar, e que inviabilizam o sucesso de suas ações de extensão, diriam respeito ao deslocamento, transporte, por exemplo. Muitas equipes não conseguem desenvolver certas atividades porque não lhe são disponibilizados transportes para se deslocarem até as comunidades. Quando se é possível o deslocamento, este é realizado, por iniciativa e/ou provimento do próprio professor-gestor.
- A falta de motivação e/ou interesse por parte de bolsistas. Talvez seja importante se demonstrar mais efetivamente no meio acadêmico, e, além disso, é preciso viabilizar certos benefícios que equiparem a Extensão à Pesquisa, de modo que o bolsista não evada dos projetos de extensão, simplesmente porque a pesquisa lhe oferece oportunidades mais “convincentes” em termos de valorização e reconhecimento profissionais (caso do Ciências Sem Fronteiras, responsável pela evasão de, pelo menos, 3 dos bolsistas que participavam dos projetos por nós estudados).
- A alta rotatividade da equipe, o que compromete o vínculo de confiança com a comunidade. É muito complicado um gestor de projeto de extensão estabelecer um contato e uma relação de confiança com a comunidade que irá envolver nas atividades. Mais complexa fica a situação quando, uma vez conquistada essa relação de confiança, o projeto é forçado, por questões de cronograma, ou falta de recursos, a interromper todo um trabalho já iniciado.

Além disso, conforme o tópico anterior demonstra, corre-se o risco de aquele bolsista, que era a figura de referência para a população, deixar os seus afazeres para outras pessoas, estas que certamente precisarão de um tempo para, igualmente, obter a confiança da comunidade.

Os pontos acima se configuram em desafios a serem superados pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFV. Merecem atenção especial, na medida em que demonstram o quanto se faz necessária a superação, pela Universidade, dos resquícios de uma cultura organizacional tecnocrática. Como já discutido ao longo do texto, espera-se, de uma gestão pragmática-política, que a instituição seja eficiente, não excessivamente burocratizada, e que evite o máximo possível a não democratização durante as etapas decisórias.

Tomando como referência alguns depoimentos, ou textos coletados ao longo da pesquisa, pode-se depreender o quanto um órgão administrador - das ações de extensão, no caso - precisa se atentar à estrutura e funcionamento que irão lhe assegurar um bom desempenho. Assim, é importante, à PEC se atentar para que não se sobressaiam os interesses provenientes da burocracia, bem como os políticos que acabam criando, dentro desse ambiente, inclusive, espaços para disputas de poder.

É possível que, evitando-se essa lógica, a PEC, bem como os demais setores responsáveis pela gestão da Extensão na UFV, tenham condições para contribuir para a superação de uma cultura organizacional essencialmente burocratizada, e até mesmo tecnocrática (cf. Fundamentos da Gestão Pública no Brasil).

Por exemplo, quando notou-se o caso de **o próprio departamento, onde o gestor atua, não autorizar ou valorizar a priorização das atividades extensionistas**, significa reconhecer que alguns setores da Universidade ainda estariam reproduzindo um comportamento que não atribui importância para a Extensão, e que dificilmente, ao desenvolvê-la, irá incorporar a sociedade no processo de elaboração e implementação de ações extensionistas. Esse tipo de comportamento, então, estará propenso a priorizar, dentro da Universidade, a “cultura de gabinete”, que leva os pesquisadores a produzirem o conhecimento científico sem, necessariamente, considerar os anseios da população, uma vez que, neste caso, o gestor não iria a campo confrontar suas hipóteses com a contribuição das pessoas, inviabilizando, então, a vivência (diálogo) com a mesma. Neste tipo de situação a Ciência fica, fatalmente, voltada para a lógica produtivista

acadêmica, com valorização intensificada para as atividades de Pesquisa. Conseqüentemente, isso irá refletir e se reproduzir no ambiente acadêmico, o que pode justificar, portanto, o porquê da preferência de alguns bolsistas pela iniciação científica.

Quando se constata que a Extensão sofre com **a falta de infraestrutura e logística para execução de alguns projetos**, também verificamos um problema, essencialmente gerencial por parte da administração, que não consegue escapar de um ambiente de trabalho onde encontra-se muito enraizada a cultura burocrática para resolução de certos procedimentos, bem como durante o processo de tomada de decisão. Por terem que obedecer às ordens hierárquicas, previstas pela burocracia, os professores acabam, em certo sentido, tendo que se dedicar a uma função, grosso modo, de secretário do projeto, pois somente assim, conforme algumas entrevistas nos revelaram, eles conseguem angariar recursos mais expressivos para cumprimento de seus respectivos cronogramas de trabalho. Nesse sentido, fica realmente difícil participar de todo processo de trabalho, inclusive indo a campo, quando se tem que obedecer tão rigorosamente à burocracia, que é esperada pelo contexto da própria gestão de recursos públicos no Brasil. Assim, parece que ainda faltaria um setor propício, que, por sua vez, pudesse operacionalizar esse tipo de atividade, inclusive as de prestação de contas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma das principais constatações da nossa pesquisa, observa-se que não existe um consenso entre professores, alunos e comunidade sobre um conceito acerca do que consistiria uma ação de extensão universitária. As entrevistas demonstraram que existem várias definições, algumas delas pouco claras, sobre o que é uma ação de extensão.

Os depoimentos apontaram que, mesmo os professores, na maioria das vezes, não sabem adequar os objetivos dos seus projetos às diretrizes nacionais sobre a extensão universitária. Esse fato pode implicar em uma confusão no momento da concepção e execução das ações de extensão, onde corre-se o risco de se predominar a concepção difusionista de extensão, que ao invés de voltar-se à interação efetiva com a população, a coloca em papel secundário, passivo, e até ignorante.

Em síntese, podemos dizer que os projetos de extensão são extremamente personificados. Pessoas bem intencionadas e com vontade de mudar a sociedade que, diante da falta de políticas públicas de extensão efetivas, da falta de conhecimento para superação de problemas sociais, acabam elaborando projetos de extensão que, não necessariamente corresponderão aos anseios de uma determinada população. A respeito das práticas de gestão de projetos, de metodologias e de intervenção, ainda percebe-se um distanciamento entre UFV e sociedade, onde os professores acabam produzindo respostas para os problemas públicos a partir de seu conhecimento particular. A inexistência de um diagnóstico que estabeleça quais são os problemas prioritários da

sociedade de Viçosa e quais ações seriam as mais importantes de serem executadas faz com que surja, no contexto universitário, um ambiente marcado pela heterogeneidade das ações extensão e uma fraca articulação entre elas. Vale salientar ainda que a posição passiva da sociedade diante das vontades e desejos dos professores também fortalece este quadro de heterogeneidade e desarticulação entre as ações.

Por fim, a não implementação de um fluxo de gestão – diagnóstico, intervenção e avaliação de resultados – pelos gestores das ações, permite que ações que não produzam nenhum impacto efetivo sobre a realidade continuem sendo financiadas e executadas indefinidamente.

Em relação a essa reflexão, pode-se questionar também: afinal, qual a concepção de gestão que é adotada de fato nas ações de extensão executadas na Universidade Federal de Viçosa? Que tipo ideal de gestor predominaria nesta instituição? A pesquisa aqui realizada apontou a necessidade de uma participação mais efetiva da comunidade para garantir os resultados dos projetos. Sendo assim, talvez seja preciso avançar um pouco mais nesse sentido, de modo que a Extensão Universitária estabeleça um compromisso da Universidade com a sociedade viçosense.

O maior desafio talvez seja, como identificarmos, realmente, a melhor maneira de conseguirmos, através dos nossos projetos de extensão, emancipar a sociedade viçosense, a partir da informação sobre o papel extensionista da Universidade, de modo que, gradualmente, a comunidade entenda os objetivos das ações de extensão. Porém, para tanto, antes é preciso ter a Política de Extensão clara para nós, membros da comunidade científica.

Além disso, é necessário superar a pouca valorização da Extensão pela Academia, que, normalmente costuma priorizar a Pesquisa. Mas, para isso é necessário instituir uma concepção de gestão que fuja do difusionismo. Uma vez entendida a relevância da Extensão, esta como elemento central e constituinte do tripé que sustenta a Universidade na atualidade, será mais fácil aperfeiçoar as técnicas e metodologias para que conquistemos, cada vez mais, uma gestão efetiva, crítica, onde predomine a produção de conhecimento mútuo, a partir da interação com a comunidade que será atingida pelos projetos de extensão universitária. Dessa maneira, torna-se possível visualizar ações de extensão mais próximas, daquilo que, amparados na concepção habermasiana, entendemos como sendo uma concepção de gestão ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Plano nacional de extensão*. Ministério da Educação. Brasília. 1999.

BOTOMÉ, Silvio Paulo. Pesquisa alienada e ensino alienante. *O equívoco da extensão universitária*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Seminário: Universidade: Por que e como reformar?** Ministério da Educação. In: ACS – Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Educação. Disponível in: http://www.ufv.br/reforma/doc_ru/MarilenaChaui.pdf

COELHO, France Maria Gontijo. **A arte das orientações técnicas no campo**. Viçosa : UFV, 2005.

_____. **Construção das profissões agrárias**. Brasília: UnB, 1999.

DRAIBE, Sônia Miriam. **As políticas sociais do regime militar brasileiro: 1964-84**. In: Vinte e um anos de regime militar (coletânea). 1994. RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. LEAL, Ondina Fachel. et. al. **Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100)**. Development of the Portuguese version of the OMS evaluation instrument of quality of life. In: Revista Brasileira de Psiquiatria 21 (1), 1999.

FOUREZ, Gérard. Introdução à Filosofia e à Ética das Ciências. **A Construção das Ciências**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO NETO, José Francisco. **Extensão universitária e produção do conhecimento.** Disponível In: www.prac.ufpb.br/anais/sempe/vsempeanais/Anais/.../extensao.doc

MIRANDA, Jaime Rodrigo da Silva. **Ciências Agrárias, questão agrária e extensão rural: relações entre ensino, extensão e o dever político da universidade brasileira.** Revista Congresso Universidad. Vol. II, No. 2, 2013.

POLÍTICA DE EXTENSÃO - Universidade Federal de Viçosa. 2007. Disponível In: http://www.ufv.br/soc/files/pag/cepe/completa/2007/07_07.htm

QUEDA, Oriovaldo. **Da anunciação ao milagre da modernização agrícola no Brasil.** Piracicaba: ESALQ, 1986. (Tese Livre docência)

REIS, Renato Hilário dos. **“A institucionalização da Extensão”.** Revista Educação Brasileira. vol. 14. nº 28.1992.

_____. **Histórico, tipologias e proposições sobre a extensão universitária no Brasil.** [s.l.] [s.n.]

SCHWARTZMAN, Simon. Formação da Comunidade Científica no Brasil. *Um Espaço para a Ciência.* Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001. Disponível In: <http://www.schwartzman.org.br/simon/spacept/espaco.htm>

TORRES, Alex F. de Brito. **Análise e Sistematização das proposições sobre a extensão universitária brasileira.** 2003. 206 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.

Universidade e Sociedade: Cenário da Extensão Universitária? Disponível In: www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1101T.PDF

ANEXOS

ANEXO 1 - Roteiros das Entrevistas Qualitativas

Legenda: Entrevistadora = E

◆ Pesquisador-Professor

E: “Bom dia/boa tarde/boa noite. Meu nome é Bruna, e eu sou bolsista de iniciação científica FAPEMIG. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a extensão universitária realizada pela Universidade Federal de Viçosa e gostaria, por gentileza, que me respondesse algumas perguntas sobre o seu projeto de extensão intitulado (*nome do projeto*).

- 1) *O que motivou a criação deste projeto?*
- 2) *Quais os principais objetivos de seu projeto?*
- 3) *Há quanto tempo você desenvolve este projeto na universidade? Houve alguma mudança ao longo dos anos nestes objetivos ou na razão da existência do projeto?*
- 4) *Que tipo de conhecimento teórico-científico você acionou para desenvolver o seu projeto?*
- 5) *Como foi o processo de criação? Quem participou na criação do projeto?*
- 6) *Foi elaborado um diagnóstico da realidade local para subsidiar a elaboração do projeto?*
- 7) *Que tipo de impacto social seu projeto vem gerando? Você acredita que seu projeto vem atendendo os interesses do público-alvo?*
- 8) *Quem é o público-alvo e como eles participam de seu projeto?*
- 9) *O projeto possui parceiros? Como é a sua participação? Quais argumentos foram utilizados pela equipe do projeto para convencê-los a participar?*
- 10) *Faça um breve relato sobre a dinâmica cotidiana do processo de gestão do seu projeto. Como é a frequência e de que forma vocês dialogam com o público alvo do projeto? Como você avalia os resultados do seu projeto? Estas avaliações são usadas para modificar as ações que vem sendo executadas? De que forma?*

- 11) *O que você entende por extensão universitária? Qual a relevância das ações de extensão para a sociedade? Qual a relevância destas ações para as atividades formativas e de pesquisa realizadas na universidade?*
- 12) *Você acredita que as decisões relativas ao planejamento e execução de ações de extensão visando a melhoria das condições de vida da população devem ser tomadas com a participação da sociedade? Porque? Como deve ser a participação da sociedade numa reunião com a equipe técnica da UFV para decidir sobre o que deve ser feito para melhorar a sua qualidade de vida?*
- 13) *No geral, você saberia dizer qual a origem e os objetivos da extensão universitária na UFV?*
- 14) *A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC) acompanha as ações executadas pelo seu projeto? Como isso acontece?*
- 15) *De modo geral, como você avalia a Política de Extensão da UFV?*
- 16) *Você acredita que os objetivos e diretrizes estabelecidos no Plano de Extensão da universidade são devidamente colocados em prática? Há obstáculos que dificultam este processo?*

◆ **Pesquisador-Bolsista**

E: “Bom dia/boa tarde/boa noite. Meu nome é Bruna, e eu sou bolsista de iniciação científica FAPEMIG. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a extensão universitária realizada pela Universidade Federal de Viçosa e gostaria, por gentileza, que me respondesse algumas perguntas sobre o projeto de extensão intitulado (*nome do projeto*).

- 1) *Há quanto tempo você participa deste projeto?*
- 2) *Quais os principais objetivos deste projeto?*
- 3) *Como é o seu trabalho com o público-alvo do projeto? Quais as ações que você desenvolve com ele? Como você é recebido pelas pessoas que são alvo das ações de extensão do projeto?*
- 4) *Com que frequência ocorrem reuniões da equipe do projeto visando avaliar seus resultados e identificar necessidades de aperfeiçoamento? Quem participa*

- destas reuniões e de que forma? As conclusões das discussões são efetivamente colocadas em prática?*
- 5) *Como é a sua relação de trabalho com a equipe do projeto na UFV (orientadores)?*
 - 6) *De modo geral, como você avalia os resultados deste projeto? Qual o impacto social o projeto vem gerando?*
 - 7) *O que te levou a ser selecionado para trabalhar neste projeto? Existiriam motivações profissionais e/ou pessoais para a sua participação no mesmo?*
 - 8) *Em seu trabalho como bolsista você realizou algum tipo de revisão bibliográfica para te ajudar na execução das ações do projeto?*
 - 9) *De que forma você acredita que a participação neste projeto está contribuindo para a sua formação na UFV? Esta participação trouxe mudanças em sua perspectiva de vida e perspectiva profissional?*
 - 10) *Você acredita que as decisões relativas ao planejamento e execução de ações de extensão visando a melhoria das condições de vida da população devem ser tomadas com a participação da sociedade? Porque? Como deve ser a participação da sociedade numa reunião com a equipe técnica da UFV para decidir sobre o que deve ser feito para melhorar a sua qualidade de vida?*
 - 11) *No geral, você saberia dizer qual a origem e os objetivos da extensão universitária na UFV?*
 - 12) *O que você entende por extensão universitária? Qual a relevância das ações de extensão para a sociedade? Qual a relevância destas ações para as atividades formativas e de pesquisa realizadas na universidade?*

◆ ***Equipe técnica (parceiros)***

E: “Bom dia/boa tarde/boa noite. Meu nome é Bruna, e eu sou bolsista de iniciação científica FAPEMIG. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a extensão universitária realizada pela Universidade Federal de Viçosa e gostaria, por gentileza, que me respondesse algumas perguntas sobre o projeto de extensão intitulado *(nome do projeto)*.”

- 1) *Há quanto tempo você participa deste projeto? Como é esta participação?*
- 2) *Quais os principais objetivos deste projeto?*
- 3) *O que motivou a sua participação neste projeto? Por quê?*
- 4) *Como foi o contato/ a abordagem da equipe do projeto para que vocês viessem a participar deste projeto? Quais argumentos utilizados pela equipe do projeto te convenceram a participar?*
- 5) *Como é a rotina de trabalho com a equipe do projeto na UFV? O que facilita e o que dificulta a execução das atividades?*
- 6) *Como é a rotina de trabalho com o público-alvo? Quais ações vocês desenvolvem com eles? O que facilita e o que dificulta a execução das atividades?*
- 7) *De modo geral, como você avalia os resultados deste projeto? Qual o impacto social o projeto vem gerando?*
- 8) *Que tipo de importância você atribuiria à sua participação neste projeto? No que você acredita estar contribuindo? Por quê?*
- 9) *A participação neste projeto está contribuindo de alguma forma na sua perspectiva de vida e perspectiva profissional?*
- 10) *Com que frequência ocorrem reuniões da equipe do projeto visando avaliar seus resultados e identificar necessidades de aperfeiçoamento? Quem participa destas reuniões e de que forma? As conclusões das discussões são efetivamente colocadas em prática?*
- 11) *Você acredita que as decisões relativas ao planejamento e execução de ações de extensão visando a melhoria das condições de vida da população devem ser tomadas com a participação da sociedade? Porque? Como deve ser a participação da sociedade numa reunião com a equipe técnica da UFV para decidir sobre o que deve ser feito para melhorar a sua qualidade de vida?*
- 12) *De forma geral, você saberia dizer qual a origem e os objetivos da extensão universitária na UFV?*
- 13) *Que tipo de relevância tem a extensão universitária para você?*

◆ **Público-alvo**

E: “Bom dia/boa tarde/boa noite. Meu nome é Bruna, e eu sou bolsista de iniciação científica FAPEMIG. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a extensão universitária realizada pela Universidade Federal de Viçosa e gostaria, por gentileza, que me respondesse algumas perguntas sobre o projeto de extensão intitulado (*nome do projeto*), este que atua aqui (com vocês/ nesta comunidade/ etc.).

- 1) *Há quanto tempo este projeto é desenvolvido com vocês?*
- 2) *Vocês saberiam dizer o que motivou a criação deste projeto? E por que vocês foram escolhidos para participar?*
- 3) *Vocês foram convidados a participar do trabalho preparatório para o desenvolvimento das ações? Vocês tiveram espaço para contribuir de alguma forma ao projeto? Seus interesses foram ouvidos? Explique.*
- 4) *Vocês sabem quais os objetivos principais deste projeto?*
- 5) *Como foi o contato/ a e abordagem da equipe do projeto na UFV para que vocês viessem a participar? Quais argumentos foram utilizados para isto?*
- 6) *Que tipo de ações a equipe da UFV desenvolve com vocês?*
- 7) *Em suas opiniões, qual a contribuição que as ações trazidas por esse projeto vêm gerando para vocês? Há interesse de continuidade? Por quê?*
- 8) *Como é a relação entre a equipe da UFV e vocês?*
- 9) *Você acredita que as decisões relativas ao planejamento e execução de ações de extensão visando a melhoria das suas condições de vida devem ser tomadas com a participação da sociedade? Porque? Como seria a sua participação numa reunião com a equipe técnica da UFV para decidir sobre o que deve ser feito para melhorar a sua qualidade de vida?*
- 10) *De forma geral, vocês saberiam dizer qual a origem e os objetivos da extensão universitária na UFV?*
- 11) *Que tipo de relevância tem a extensão universitária para vocês?*

ANEXO 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA UFV TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr/Sr^a/Srt^a.

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa “**Pesquisa e Extensão na Universidade Federal de Viçosa: o compromisso do conhecimento científico com a sociedade viçosense**”, sob responsabilidade dos pesquisadores Bruna Soares de Souza e Marcelo Ottoni Durante, e que tem por objetivo refletir sobre a concepção e gestão das ações de extensão executadas pelos professores da UFV, buscando identificar em que medida a rotina de realização de pesquisas, em termos do conhecimento existente e das técnicas de produção de conhecimento, subsidiam efetivamente a execução das ações de extensão visando de forma concreta melhorar a qualidade de vida da população.

Para a realização deste trabalho será preciso obter entrevistas com um público-alvo definido: gestores de projetos de extensão da UFV, bolsistas de extensão, eventuais parceiros de projetos de extensão, comunidade atingida pelas ações de extensão, dentre outros. De modo a nos ajudar durante as conversas, usaremos um roteiro semiestruturado onde constarão as principais perguntas a serem realizadas. Além disso, contaremos também com o apoio de um gravador, e eventualmente, pode ser que façamos anotações.

Esclarecemos ainda que após a conclusão da pesquisa todo material a ela relacionado, de forma gravada, filmada ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente. Além disso, o Sr.(a) terá liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento que desejar, mesmo depois de ter assinado este documento, e não será, por isso, penalizado de nenhuma forma. Caso desista, basta nos avisar e este termo de consentimento será devolvido, bem como todas as informações dadas pelo Sr.(a) serão destruídas.

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são fornecer à UFV as informações e diagnóstico capazes de aprimorar todo o processo de gestão das ações de extensão da instituição, contribuindo para seu contínuo aperfeiçoamento, e, principalmente, garantir que através das ações de extensão, a Universidade Federal de Viçosa consiga fazer com que a população viçosense seja capaz de compreender os conhecimentos fornecidos pela universidade e decidir sobre qual o mais adequado para a melhoria de sua realidade social e cultural, bem como de sua própria qualidade de vida.

Como responsáveis por este estudo nos comprometemos em manter sigilo de todos os seus dados pessoais e disponibilizamos, a seguir, nosso contato para quaisquer e eventuais esclarecimentos. Desde já agradecemos!

Atenciosamente,

MARCELO OTTONI DURANTE
(Professor e Orientador)
E-mail: marcelo.durante@ufv.br
Telefone: (31) 3899-3445/3449/3566

BRUNA SOARES DE SOUZA
(Graduanda responsável pela pesquisa)
E-mail: bruna.s.souza@ufv.br
Telefone: (31) 8869-6466

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Ciências Sociais

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico, desde que assegurado o meu anonimato. Desta forma, assino este termo, juntamente com os pesquisadores, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder dos pesquisadores.

Viçosa, _____ de _____ de 2013.

Assinatura